

redeemed
sobrevivência e redenção
série dirty air | livro 4
lauren asher

Tradução de Isabel Baptista

AVISOS DE CONTEÚDO

Aconselha-se a discrição do leitor.



Aos que se atrevem a sonhar, mesmo nos seus dias mais negros.

PLAYLIST



Older Than I Am — Lennon Stella	3:02
Lonely — Justin Bieber	2:29
Bad Child — Tones And I	3:41
Modern Loneliness — Lauv	4:12
Lie Like This — Julia Michaels	3:38
At My Worst — Pink Sweat\$	2:50
Love Songs — Sarah Barrios	2:24
Wonder — Shawn Mendes	2:53
Take Care of You — Ella Henderson	3:29
Golden — Harry Styles	3:40
love language — Ariana Grande	3:00
What a Man Gotta Do — Jonas Brothers	3:01
Wildest Dreams (Taylor's Version) — Taylor Swift	3:40
Lie to Me — Tate McRae & Ali Gatie	2:57
Hold On —Chord Overstreet	3:19
Stay — Gracie Abrams	2:57
Last Time I Say Sorry — Kane Brown & John Legend	3:15
XO — John Mayer	3:34

PRÓLOGO



SANTIAGO

Três anos antes

Multidões de fãs rugem à distância, alimentando a adrenalina que se acumula dentro de mim. As luzes do circuito de Silverstone refletem-se no *capot* do meu carro vermelho da Bandini. O suor escorre pelas minhas costas abaixo por causa do calor do motor, a vibrar atrás de mim.

Inspiro fundo e sustenho a respiração enquanto cada uma das cinco luzes se apaga.

Vamos. Carrego no acelerador. O meu carro guincha quando passa a toda a velocidade pela primeira reta. O Noah, meu cunhado e o melhor piloto da Fórmula 1, lidera o grupo. O seu para-choques traseiro fica à distância de um toque quando faço a primeira curva atrás dele.

A humidade no ar, depois da chuva, embacia a viseira do meu capacete enquanto vamos dando volta após volta. A pista escorregadia desafia as minhas capacidades e os meus pneus. Levanto a viseira de proteção só um bocadinho, para que o bafo quente da minha boca saia pela abertura do capacete.

Os meus pulmões esforçam-se a cada respiração pesada. Forço-me a superar a exaustão e tento contornar o carro do Noah. Ele mantém-se no meio da pista, tornando impossível a ultrapassagem para lhe arrebatarmos o primeiro lugar.

— Controla melhor o teu carro na curva quatro. Estás com uma condução um bocado desleixada porque o piso está molhado — diz o James Mitchell, o diretor da equipa da Bandini, no meu auricular.

— Entendido. — Agarro o volante com mais força, concentrando-me na estrada.

Curva após curva, continuo a acompanhar a velocidade do Noah. Embora ele seja da minha família e meu colega de equipa, ambos desejamos

vencer-nos um ao outro sempre que possível. Mas, em conjunto, funcionamos como uma força imparável da Bandini, competindo contra todos os outros.

O Noah entra nas boxes, a precisar de pneus novos, deixando a pista e a sua posição no primeiro lugar à minha disposição. Este momento é a minha oportunidade.

Tudo conta. Cada respiração, cada rotação dos pneus, cada maldito segundo que passa.

O ritmo do meu coração aumenta quando passo por mais uma bancada desfocada cheia de fãs entusiasmados. O meu corpo vibra com uma onda de energia. É uma sensação absolutamente incomparável. Nunca apanhei uma moca na minha vida, mas imagino que seja como me sinto — emocionado e intocável. Sorrio por detrás do meu capacete enquanto vou passando pela multidão.

O Noah regressa em força e ultrapassa-me na última reta. Os seus pneus guincham quando ele trava numa curva.

Carrego no botão para meter a mudança.

— Sacana. Sempre a tentar roubar os holofotes.

— Os nossos computadores mostram que está a chegar uma chuva fraca. Por amor de Deus, tem cuidado com as poças e não batas no Noah — ecoa a voz do James ao meu ouvido.

— Eles vão deixar-nos trocar para pneus de chuva?

— Acho que a ordem deve estar a chegar em breve. Aguenta firme. — O James desliga.

Uma névoa densa das rodas do Noah voa pelo ar. A visibilidade torna-se mais difícil à medida que os pneus do Noah vão atirando mais água contra o meu capacete. Passo a minha mão enluvada pela viseira, limpando a condensação.

Já sem água na viseira, aperto o volante com as duas mãos. A respiração fica presa na minha garganta quando passo por uma poça escorregadia no asfalto.

Um fôlego. Uma rotação dos pneus. Um segundo para perder tudo.

Sinto o controlo a escapar-me das mãos. O meu carro passa a toda a velocidade pela curva em que eu deveria virar, e tudo se precipita enquanto me agarro ao volante inútil.

— Merda. Merda. Merda! — Carrego com o pé no travão, mas nada funciona para conseguir abrandar o carro o suficiente.

— Porra, Santiago! Trava! — O James grita mais qualquer coisa, mas nem o consigo ouvir por cima do rugido do sangue nos meus ouvidos.

Tudo se mistura quando o carro se precipita por cima do cascalho a mais de trezentos e vinte quilómetros por hora, em direção à barreira de proteção, sem abrandar. A asa direita dianteira do meu carro espatifa-se contra os pneus que revestem uma barreira de betão. Os pneus de borracha voam pelo ar, pouco fazendo para proteger o meu carro de corrida do impacto drástico.

Os meus dentes batem uns nos outros e o meu corpo é sacudido pelo impacto. Uma dor ofuscante e ardente dispara pela minha perna direita acima. O meu coração acelera no meu peito e respirações curtas e irregulares escapam-se dos meus pulmões. Todas as partes do meu corpo me doem. Pestanejo para conter as lágrimas enquanto as minhas mãos tremem contra o volante.

— Santiago, estás bem? A equipa de emergência está a caminho! — grita o James. O tremor na voz dele denuncia o seu pavor.

Foda-se. O mundo gira sobre o seu eixo quando olho para os estragos. O meu para-choques dianteiro parece uma bola de metal retorcida, sendo o lado direito o mais danificado. Rolos de fumo saem de trás de mim, turvando a minha visão.

Levanto-me do assento. Uma dor aguda atravessa o meu corpo, obrigando-me a morder a língua.

— Preciso de um médico. Depressa. — As minhas palavras saem num gemido.

O James pragueja para o microfone.

— Consegues sair do carro e ir para trás da barreira de proteção?

Barreira de proteção? Deve ser uma piada, visto que não serviu de nada para me proteger.

Tento tirar o cinto de segurança, mas outra onda de dor arranca-me um gemido.

— Não. Porra. Não me consigo levantar. — Tento mexer os dedos dos pés, mas o meu pé direito continua dormente. — Não me consigo mexer! *Ay Dios.* Foda-se, foda-se, foda-se.

Pensamentos negativos alimentam a onda de pânico que cresce dentro de mim. *Porque é que não me consigo mexer? Porque é que não consigo sair da merda deste carro? Levanta-te! Faz alguma coisa!*

Tudo o que tento fazer me causa uma dor aguda. A minha visão fica turva e sinto um gosto ácido a subir pela minha garganta.

— Santi! A equipa de emergência está quase a chegar. — Ouço a voz da minha irmã enquanto ela corre em direção à barreira destruída. Uma

vedação de metal ergue-se acima da barricada e mantém-nos separados. Os seus olhos castanhos enlouquecidos fixam-se nos meus enquanto ela se agarra freneticamente aos elos da rede.

— Maya. *No te preocupes!* — Tento acalmar as suas preocupações enquanto retiro o volante do meu *tablier* e o atiro para a asa dianteira. O movimento sacode-me novamente, enviando outra dor lancinante pelo lado direito do meu corpo.

— Eles vão tirar-te daí! Para de te mexeres! — A Maya levanta a voz enquanto chama por ajuda médica.

— Eu não me conseguia levantar nem que quisesse. — O meu corpo vai ficando cada vez mais quente enquanto o suor escorre pela minha cara abaixo. Tudo à minha volta se torna mais lento enquanto tento compreender a dor na minha perna. É esta a sensação de estar em choque?

A adrenalina esvai-se de mim como de um balão a esvaziar-se. A minha visão escurece enquanto me tento manter consciente. A Maya arrepela os seus cabelos castanhos, a tentar chamar a minha atenção, mas eu não reajo. Processar as palavras dela exige esforço, e o meu corpo quer desistir.

A equipa de emergência chega ao local do acidente. Fazem-me perguntas em rápida sucessão, o que aumenta a minha inquietação crescente. Esforço-me para explicar a minha situação e eles atarefam-se para me conseguirem tirar dali.

A Maya vem para o meu lado e agarra a minha mão.

— Vai correr tudo bem. A ambulância já está a caminho. — As lágrimas escapam-se dos seus olhos.

— Tenho tantas dores, caracas. Acho que vou desmaiar.

— *Quédate conmigo.*

Não consigo conter a sensação de pânico que cresce dentro de mim enquanto a equipa médica me puxa para fora do carro.

— Maya — digo com voz rouca.

Alguém a obriga a soltar a minha mão enquanto me transferem para uma maca de resgate.

— Vai ficar tudo bem. Eles vão tratar bem de ti! — grita ela por cima dos berros da equipa e das sirenes a tocar.

As luzes da ambulância piscam à minha volta. Não quero ceder à escuridão, mas a dor entorpecente na minha perna tem outros planos. Rouba-me a consciência e ao mesmo tempo o sonho de ganhar outro campeonato.

...

O cheiro a antisséptico é a primeira coisa que me atinge. Torço o nariz perante a mistura do odor a álcool e a pinho, e os meus olhos ardem quando foco as luzes brilhantes do teto.

Demoro alguns momentos a aperceber-me do que me rodeia. Os apitos das máquinas acompanham o ritmo acelerado do meu coração. Tenho uma agulha intravenosa espetada na minha mão, ligada a sacos de fluidos.

Pestanejo, forçando os meus olhos a ajustarem-se. O meu cérebro enevoadado não quer compreender porque é que estou numa cama de hospital.

— *Ay Dios, ya estás despierto.* — A minha mãe levanta-se de uma cadeira à minha frente e puxa a minha mão para a sua. O seu cabelo castanho está preso num carrapito despenteado e os vincos da sua roupa condizem com as linhas de preocupação gravadas no seu rosto.

A Maya e o meu pai aproximam-se pelo outro lado da minha cama. O Noah está atrás da minha irmã, a envolver o corpo dela nos seus braços.

— *Mami? Papi?* O que é que estão aqui a fazer? — pergunto com voz rouca.

O meu pai passa a mão pelo seu cabelo grisalho, deixando as madeixas em desalinho. Os seus olhos castanhos refletem a mesma preocupação de todos os outros.

O que é que se está a passar?

Os olhos castanhos da minha mãe cintilam quando ela olha para mim.

— *Cariño.* — Atira-se para cima de mim a soluçar, e aquele movimento súbito sacode-me o corpo.

Mas que raio? A minha mãe nunca chorou desta maneira. Nem quando mal conseguia pagar as contas ou quando tinha de trabalhar durante o meu aniversário, todos os anos. Nem mesmo quando o meu pai perdeu o emprego, tornando quase impossível que eu pudesse participar numa corrida de *karts*. Ela sempre foi uma guerreira.

Levanto o meu braço livre e envolvo-o em torno do seu corpo trémulo.

— *Estoy bien, Mami.* Eu vou ficar bem. Foi só um acidente.

A Maya coloca uma mão trémula no meu ombro.

— Santi... — A forma como ela olha para mim faz com que a máquina que apita comece a funcionar a toda a velocidade. A expressão da Maya faz disparar todos os meus alarmes internos, e esforço-me para perceber porquê.

— O que é que se passa? — O meu cérebro trabalha a passo de caracol para conseguir acompanhar tudo.

Um médico mais velho entra no quarto, interrompendo-me. Folheia alguns papéis na sua prancheta.

— Oh, ótimo. Fico contente por ver que já acordou, Santiago.

— Quem é o senhor?

Ele sorri.

— Eu sou o doutor Michaelson. Estamos aliviados por você estar acordado e a falar. Estávamos todos preocupados consigo, especialmente a sua família. Passou por uma experiência traumática.

— Porque é que eu estou aqui? — O meu sobrolho franze-se.

O sorriso dele continua brilhante e caloroso, mas não ajuda nada a acalmar o meu ritmo cardíaco irregular.

— Você está a recuperar de uma cirurgia. Eu sou o médico que foi designado para o seu caso e tenciono ajudá-lo durante todo este processo.

— Um cirurgião? Porque é que eu preciso de um cirurgião?

O que quer que eu tenha dito faz com que a minha mãe me aperte o ombro, com as suas unhas a cravarem-se na bata de hospital que tenho vestida. Escapa-lhe mais um soluço, e aquele som atinge-me mesmo no peito.

O médico aclara a garganta.

— Você passou por muita coisa nas últimas vinte e quatro horas. Vejo que é um homem forte. Está a sentir alguma dor neste momento?

Dor? Tudo dentro de mim parece... entorpecido. Nada parecido com o que costumava sentir depois de um acidente, com os membros a doer e a cabeça a latejar. É como se alguém tivesse carregado no botão de *reset* no meu corpo, e o meu sistema ainda estivesse a reiniciar.

— Não. Não estou a sentir nada. — Arrepio-me quando encaro os olhos do médico.

Lá está aquele olhar outra vez. Há algo nos seus olhos que não me parece bem.

O médico passa os olhos pelo meu corpo antes de me dirigir outro sorriso tranquilizador.

— Lamento que tenhamos de nos conhecer nestas circunstâncias. Sou um grande fã seu. — O ritmo da máquina de controlo cardíaco acelera quando os olhos do médico se desviam de mim para a minha família. — Santiago, se não se importar, gostaria de falar consigo em particular por um momento.

Ninguém diz nada. Ninguém faz qualquer menção de sair da sala. O silêncio é tão grande que o soro a pingar faz mais barulho do que as pessoas à minha volta.

O que quer que o médico tenha a dizer não pode ser bom. *Foda-se. É algum cancro? Uma rutura num órgão? Primeiro que tudo, porque é que eu preciso de um cirurgião?*

Cerro as minhas mãos trémulas, sem saber se consigo lidar com isto sozinho.

— Tudo o que precisar de dizer pode ser dito à frente deles.

O sobrolho do doutor Não-sei-quantos franze-se enquanto ele inspira fundo.

— Nesta altura está fortemente medicado, por isso peço desculpa por qualquer confusão que possa estar a sentir neste momento. — O médico aproxima-se dos pés da minha cama. O seu sorriso caloroso diminui um pouco, transformando-se em algo que eu não quero ver. O facto de ter crescido pobre e desfavorecido permite-me reconhecer instantaneamente a piedade. Está estampada na cara do médico. Apanha-me desprevenido porque já não a sentia há muito tempo. Não desde que cheguei ao topo e me tornei alguém. Não desde que comecei a viver o meu sonho e a provar que todos os que duvidavam de mim estavam enganados.

Uma gota de suor escorre-me pela testa abaixo.

— Ande lá com isso. Está a deixar-me nervoso.

O sobrolho franzido do médico torna-se mais pronunciado.

— Lamento muito, Santiago, mas você sofreu um acidente extremamente traumatizante.

— Não me diga. Vá direto ao assunto — replico.

A Maya inspira bruscamente.

— Santi.

— Está tudo bem. Imagino que isto seja stressante e eu não estou a ajudar. Já para não falar das alterações de humor e da confusão que é de esperar, dada a quantidade de morfina que lhe deram para combater a dor. — Os olhos dele passam do meu rosto para a parte inferior do meu corpo.

Crispo-me.

Ele solta um suspiro trémulo.

— Quero que saiba que o acidente não foi por sua culpa. Não havia absolutamente nada que pudesse ter feito para evitar o que aconteceu hoje. Lamento muito ter de lhe dizer que não conseguimos salvar os ossos abaixo do seu joelho direito. Eles estilhaçaram-se com o impacto, juntamente com a cartilagem, ao ponto de não nos restar nada com que trabalhar na sala de operações. Conseguimos fazer a amputação de emergência para garantir que o resto da sua perna pudesse ser poupado.

Tudo à minha volta se imobiliza. O ruído das máquinas. O choro da minha família, que se vai abaixo à minha frente. O mundo inteiro desvanece-se

num cinzento tão escuro que raia o preto. Uma palavra atinge o meu crânio como um aríete.

Amputação.

Amputação.

Amputação?

Agarro-me ao lençol que cobre a metade inferior do meu corpo. O meu estômago revira-se ao ouvir o grito que a minha mãe solta quando se vira para o meu pai.

Ainda penso em dizer à minha família que o médico deve estar enganado. Ele *tem* de estar enganado. Mas algo me detém quando levanto o lençol com os dedos trémulos.

Basta um segundo para o meu mundo se desmoronar à minha volta. Um segundo para me aperceber de que a minha vida acabou antes de ter começado verdadeiramente. Um segundo para desejar poder voltar atrás.

Olho para o meu corpo. A minha perna direita está enfaixada e estranha. Tão estranha que mal consigo olhar para ela, com o ácido a subir-me pela garganta até me engasgar e desviar o olhar. Alguém coloca um recipiente de plástico junto ao meu peito enquanto a bÍlis me sai pela boca.

Nunca tinha sentido uma dor como esta. Uma dor emocional que se torna quase física, como se alguém tivesse feito explodir uma bomba dentro do meu peito.

Não sei quem é que voltou a atirar o lençol para cima das minhas pernas, mas estou grato por isso. Fecho os olhos e digo a mim próprio que nada disto é real. Só que a minha mente tem outros planos, não me permitindo pensar em mais nada a não ser na minha perna.

Tudo o que havia abaixo do meu joelho direito desapareceu. O pé que uso para carregar no pedal. Os músculos da barriga da perna, que trabalho diariamente no ginásio para me tornar mais forte. Uma parte de mim, da qual dependo para todas as corridas, desapareceu como se nunca tivesse existido.

As lágrimas escapam-se dos meus olhos. Detesto senti-las a escorregar pelas minhas faces. Afasto-as rapidamente, sem querer que ninguém me veja a ir-me abaixo. Tudo permanece assustadoramente silencioso enquanto o meu mundo se derruba à minha volta. Um espaço vazio no meu peito ocupa o lugar onde antes estava o meu coração, a condizer com o membro que me falta.

A voz do médico quebra o silêncio.

— Lamento imenso, Santiago. Espero que possamos ajudá-lo a recuperar rapidamente. No caso dos nossos pacientes, é normal sentirem-se abalados com o choque...

— Choque? Sabe o que é que é chocante? Descobrir que a minha irmã andava com o único homem que eu não queria na vida dela. Ou talvez saber que eu ia assinar um contrato com a melhor equipa de Fórmula 1 ao fim de apenas dois anos nas corridas. Isto? *Isto* é uma catástrofe do caraças — sibilo. — Por isso não me queira convencer de que isto não é uma sentença de morte. — Olho fixamente para o médico com todo o ódio que consigo reunir. O ódio sabe melhor do que o entorpecimento que se infiltra no meu sangue, apagando tudo o que eu já fui. O ódio é algo a que me posso agarrar. O ódio é algo de que me posso lembrar quando tudo o resto me faltar.

— Santiago — diz o meu pai com uma voz débil, sem a sua habitual firmeza.

Não estou disposto a recuar e a pedir desculpa. Não estou disposto a fazer *nada*.

— Quero toda a gente fora daqui — digo em voz baixa, mas o tom é absolutamente perentório.

Os prantos da *Mami* tornam-se mais altos. O *Papi* abraça-a contra o peito, abafando os seus soluços.

— Não devias ficar sozinho neste momento. — A pequena mão da Maya aperta o meu ombro.

O Noah continua atrás dela, como a maldita sombra que é. Não consigo olhá-lo nos olhos. Reconhecer a sua presença lembra-me tudo o que perdi. O trabalho de toda a minha vida foi pelo cano abaixo numa questão de vinte e quatro horas.

— Está tudo perdido. Uma manobra errada, e toda a minha vida está acabada. Uma manobra estúpida, por conduzir pelo lado errado da pista. — Escondo a cara atrás das minhas mãos trémulas. Não quero que ninguém veja a minha dor ou as minhas lágrimas, porque parece que me roubaram mais alguma coisa. O meu orgulho. O meu modo de vida. A minha *dignidade*. Tudo isso roubado depois de um único erro. Um erro devastador, que acabou com a minha carreira.

Não, porra.

Acabou com a minha vida. Um erro que *acabou com a minha vida*.

— Nós vamos ajudar-te a ultrapassar isto — diz a Maya, levantando a voz por cima da minha respiração pesada.

O Noah põe a sua mão em cima da dela, apertando-me o ombro com mais força.

— A tua vida não acabou, porque eu não te vou deixar desistir. Isto não é o fim.

Recuso-me a levantar os olhos para ele. A minha família ignora os meus protestos e fica ao meu lado enquanto eu me passo em silêncio, cedendo à dor emocional e física.

CAPÍTULO UM



CHLOE

Atualidade

- **E**i, mamã. Isto é uma surpresa. A Brooke só chega a casa às oito. — Abro a porta do meu apartamento.

Ela entra no espaço, passando as mãos trémulas pela sua roupa amarrotada. O seu cabelo escuro e oleoso cola-se-lhe aos lados da cabeça, realçando a palidez da sua pele. Tudo nela se assemelha a um cadáver, desde as clavículas salientes até às faces encovadas; é como se alguém lhe tivesse aspirado a vida.

A maneira como ela olha para mim deixa-me nervosa. É o mesmo olhar que ela tinha de cada vez que a assistente social tentava reconciliar-nos, só para a minha mãe estragar tudo outra vez. A maioria das pessoas tem um demónio e um anjo em cada um dos seus ombros. Mas a minha mãe ficou com dois diabos que incentivam os seus vícios preferidos — as drogas e as más decisões.

— Fofinha. Tenho andado para te ligar. — O seu tom enjoativamente doce provoca-me arrepios na pele. Ela olha para mim com os seus olhos azuis esbugalhados. — Eu sei que tínhamos planos para esta noite, mas tenho de cancelar. Não me estou a sentir bem.

Mais propriamente, ela não se está a sentir *pedrada*. Cruzo os braços e encosto-me ao balcão da cozinha. Mais vale instalar-me para mais uma ronda de decepções. Pensei que desta vez as coisas seriam diferentes entre nós. Pensei que *ela* estaria diferente.

Que estúpida, Chloe. Quando é que vais aprender?

Ela continua a falar, tomando o meu silêncio como aprovação.

— Estou num aperto. Devo dinheiro ao Ralph, e sabes como ele fica quando não lhe pago.

— Bruto e abusivo?

O Ralph é a razão para a assistente social ter revogado a custódia da minha mãe. Quando o seu namorado não tinha a mão pesada para ela, era asqueroso comigo. A assistente social tirou-me de casa e determinou que a minha mãe poderia tentar de novo dentro de alguns anos, se se esforçasse para melhorar e largasse aquele namorado. Mas ela decidiu que o facto de o Ralph ser o seu habitual fornecedor de droga era mais vantajoso do que o cheque chorudo que recebia do governo para ser uma mãe de meia tigela. Isto é, se alguém pudesse considerar que deixar-me sozinha num apartamento infestado de baratas era *ser mãe*.

— Eu não te pedia dinheiro se não precisasse — diz ela com ar de troça.

— Não, mãe. *Pedias*. Esse é que é o problema. Sempre que te dou dinheiro, prometes que te vais recompor. — *E sempre que dizes que vais ficar limpa, eu caio nessa mentira porque ainda não consegui ultrapassar a minha estúpida mentalidade esperançosa.*

Ela repuxa o lábio gretado entre os dentes.

— Desculpa. Tu sabes como eu sou.

— Uma mentirosa?

O seu risinho nervoso roça o desespero.

— Oh, Chloe. Não sejas assim.

— Sincera? — pergunto num tom seco.

O seu estado de espírito parece piorar e os seus olhos escurecem.

— Esses comentários curtos são muito giros para engatar rapazes, mas perdem a graça quando os usas contra a tua mãe.

Solto um suspiro tenso.

— Eu não tenho dinheiro.

— Estás a mentir. Estamos no fim do mês. Tu és do tipo responsável com as tuas contas.

Claro que ela viria no dia de eu receber. Como é que pude ser tão estúpida e pensar que ela realmente me queria ver por ser o meu aniversário?

— Não. Não estou a mentir.

— Dá-me só trezentos dólares e eu vou-me embora. É tudo o que eu preciso. — Rói uma unha irregular.

— *Não.*

Os olhos da minha mãe dardejам de mim para a minha mala, pendurada num cabide ao pé da porta. A mala que contém o dinheiro para pagar a renda de casa deste mês.

— Nem penses nisso. — Tento ripostar, mas a minha voz não passa de

um sussurro rouco. *Por favor, que nem te passe pela cabeça roubares-me. Sou tua filha, por amor de Deus.* A minha garganta aperta-se com a ideia.

— Não estás a perceber. Os espasmos estão a piorar quando não tenho o que preciso. — Ela faz com que o seu vício em opiáceos pareça uma vontade casual de comer gelado. Sempre foi assim, com ela a desejar mais o seu *produto* do que fazer o seu papel de mãe.

— Tu prometeste que ias largar. — A minha voz está rouca, com a tristeza a corroer a minha falsa frieza.

Ela faz um ar de desdém, aparentemente já a perder a paciência.

— Pois, bem, menti. Peço desculpa. Eu tentei, mas foi terrível. Não consigo viver sem aquilo.

Apesar de ter passado a maior parte da minha vida a ouvir mentiras doces e desculpas vazias, as palavras ainda me pesam no peito sempre que ela as diz. É como se eu fosse levada de volta ao tempo em que era uma miúda.

Desculpa não ter aparecido na sessão de hoje com o psicólogo, Chloe. Eu vou para a semana, juro.

Lamento que o Ralph tenha entrado quando estavas a tomar banho. Já sabes que ele se esquece de bater à porta.

Lamento não ter passado o Natal contigo este ano. Fiquei retida, mas compenso-te da próxima vez.

A minha mãe aproveita-se da minha distração e precipita-se para a minha mala. Agarro-a pela orla da blusa para a puxar para trás, e ela vira-se. O estalido da palma da mão dela a bater na minha cara ecoa nas paredes com a tinta a descascar.

Ela bateu-me mesmo, caraças. A mim, uma adulta, porra. Recuo, a pressionar a minha mão contra a minha bochecha a arder. O rumor do sangue a latejar enche-me os ouvidos, tornando difícil ouvi-la.

A minha mãe vasculha a minha mala como se estivesse possuída. Geme quando encontra a minha carteira e arrebatava as notas com os seus dedos osudados. As suas mãos gananciosas apoderam-se de mais de trezentos dólares, mas não faço nada para a impedir. Estou demasiado atordoada perante o animal em que ela se transforma quando não obtém a droga. Como é que ela aguenta encarar-se ao espelho? Surpreende-me que a sua pele não se arrepie de repulsa.

A minha mãe deixa cair a minha carteira no chão.

— Desculpa, minha querida. Gostava que não tivesse de ser assim. Um dia pago-te, prometo. — Ela olha para mim com um olhar vazio, tal como as suas palavras.

Odeio-me por desejar que ela mostrasse algum remorso pela maneira como me trata, e esse ódio a mim mesma transforma-se em algo escuro e feio dentro de mim. Uma raiva tóxica que se acumula no meu interior, ameaçando explodir contra ela.

— Acabou-se. Nem te dês ao trabalho de voltar aqui. Faz o que sabes fazer melhor e esquece que eu existo. *Para sempre.*

— Não estás a falar a sério. — Ainda tem a audácia de franzir o sobrolho.

— Põe-te daqui para fora! — Avanço para ela.

Ela sai disparada do meu apartamento. A porta fecha-se com um baque suave na sua ausência.

Dirijo-me para a cozinha e procuro um saco de gelo para aliviar a minha bochecha a arder.

Enquanto ponho gelo na cara, apercebo-me de que a minha mãe nem sequer me deu os parabéns pelo aniversário. À partida, essa era supostamente a única razão para ela ter cá vindo. A única razão estúpida para eu a ter convidado a entrar, ao fim destes anos.

É isto que ganho por pensar com o meu coração e não com a minha cabeça. Agora estou a dois cêntimos de ficar novamente falida, porque todo o dinheiro para a renda desapareceu.

A minha mãe só traz destruição à minha vida, e desta vez é pior porque a culpa é minha. Acreditei nela quando me ligou e me disse que queria mudar. Que tinha começado a frequentar um programa de reabilitação gratuito porque estava pronta para se tornar uma mãe melhor.

Uma nova onda de tristeza afoga a minha raiva. A primeira lágrima cai-me pela cara abaixo, silenciosa e trocista. Apresso-me a limpá-la da minha pele porque odeio o quanto me torno patética quando a minha mãe entra em cena. Já não sou aquela criança desesperada, a implorar pela atenção da mamã.

Só de pensar nisso, as lágrimas aumentam em vez de se extinguirem. Quando me dou conta, o meu rosto está todo às manchas e o meu nariz entupido. Recusando-me a gastar mais energia com a traição dela, redireciono as ideias.

Embora seja o otimismo que me faz prosseguir, o que me dá coragem para continuar a ir à luta dia após dia é a perseverança. Para seguir em frente e começar uma nova vida para mim, em busca do que me faz feliz.

Pego no meu diário de desejos que está na mesa de cabeceira do meu quarto. O caderno grosso é o único objeto que mantive comigo ao longo dos anos, seguindo-me através de lares de acolhimento aleatórios. Sempre que

tenho um desejo, anoto-o. Com uma caneta qualquer, rabisco a primeira coisa que me vem à cabeça.

Desejo encontrar alguém que aprecie a minha presença em vez de a destruir.

O sobrolho franzido da Brooke enrugava a pele dourada por cima das suas sobrancelhas. Ela agarra o seu cabelo castanho e espesso e prende-o num carrapito despenteado.

Crispo-me ao ver aquele gesto. A Brooke só faz isso quando está irritada ou a trabalhar no seu último projeto para a escola. Ela é do tipo que normalmente não se preocupa com as ondas que herdou de algum dos seus progenitores desconhecidos. E depois de tudo o que se passou com a minha mãe há pouco, é difícil não invejar a Brooke neste momento, por não saber quem são os pais dela. Poupar-me-ia a muito sofrimento.

OK, isto não é coisa que se diga. Eu sei como a Brooke fica perturbada por causa dos seus pais desnaturados. Não a censuro por isso. Pelo menos, a minha mãe teve a decência de me tentar criar. A Brooke não teve a mesma sorte. Foi abandonada quando era recém-nascida, nos degraus frios de um quartel de bombeiros de Brooklyn, com um bilhete escrito em tagalo — a única pista que temos sobre a sua origem filipina.

Os olhos cor de *brandy* da Brooke observam o meu rosto.

— Promete-me que não a vais voltar a ver. Ela é tóxica.

Baixo a cabeça.

— Eu sei. Tu tinhas razão. Afinal, ela não estava preparada para ter algum tipo de relacionamento comigo.

— Detesto ter razão sobre isto, mas tu mereces melhor do que ela. Sempre mereceste, e sempre vais merecer.

Os meus lábios tremem.

— Desta vez, prometo que a vou esquecer. A sério. Hoje foi horrível, não foi nada do que eu esperava. Ela sempre foi ofensiva ou desleixada, mas nunca tinha sido fisicamente agressiva. Lição aprendida. — As palavras soam tão patéticas ao sair da minha boca como na minha cabeça.

Aqui estou eu, oficialmente com vinte e quatro anos e ainda a levar com as merdas da minha mãe. Pensei que o facto de eu ter crescido e saído do sistema a teria levado a mudar. Como uma tola irremediável, eu tinha esperanças de que algo pudesse mudar na nossa relação quando me tornasse mais velha.

— Nada disto é por tua culpa. Ela aproveitou-se da tua esperança, mas quem perde é ela. — A Brooke puxa-me para um abraço.

— O que é que eu faria sem ti?

— Não sei. Provavelmente irias aborrecer-te. Já me disseram que posso ser bastante estimulante.

Rio-me e saio do seu abraço.

— Que nojo.

— Tarada. — A Brooke deita-me a língua de fora. — Já sabes qual é o desejo que vais pedir? — Passa-me um prato com um único queque com uma vela em cima. É uma tradição que mantemos desde que ficámos no mesmo quarto no nosso lar de acolhimento, há muitos anos.

— Já — sorrio.

— O mesmo desejo de sempre?

A Brooke conhece-me melhor do que ninguém. Ficámos amigas no instante em que nos conhecemos, quando fui colocada no mesmo lar de acolhimento onde ela estava. Ela foi abandonada em bebé e cresceu dentro do sistema, o que lhe deu a capacidade de me poder explicar como funcionava. O facto de duas adolescentes terem pais horríveis não deveria ser motivo para criar laços, mas os nossos instintos de sobrevivência assim o exigiam. E juntas, em vez de permitirmos que as nossas circunstâncias nos destroçassem, apoiámo-nos mutuamente nos momentos mais negros.

Com a amizade da Brooke, fiz o que os outros não se atreviam a fazer. Pedi desejos. Quer fosse um desejo de aniversário ou uma entrada rabiscada no meu diário de desejos ao fim da noite, atrevi-me a pedir desejos tão grandes que o próprio Walt Disney ficaria com inveja.

Todos os aniversários, ano após ano, peço um desejo. Apesar de o resultado ser sempre o mesmo, tenho sempre uma nova esperança de que este será o ano em que vou descobrir quem é o meu pai. Nunca desisto do meu desejo. Nem mesmo depois de uma vez a minha mãe ter confessado que não fazia ideia de quem ele era, uma vez que estava completamente drogada na altura da minha concepção. Enquanto algumas raparigas são o resultado de duas pessoas que se amam muito, eu sou o resultado de alguém que se preocupou mais com as drogas no seu sistema do que em proteger-se de uma gravidez indesejada.

Para contrariar os pensamentos feios que me invadiram ao longo dos anos, inventei uma grande história sobre quem seria o meu pai e onde é que ele estaria. Na minha cabeça, ele tornou-se um herói que não fazia ideia de que eu tinha nascido. Se ele soubesse da minha existência, não pararia por nada até me encontrar.

A Brooke acende a vela, trazendo-me de volta a este momento.

— Sonha em grande, Chloe.

Fecho os olhos e puxo o meu cabelo escuro para trás, para não queimar alguma madeixa com a chama. *Por favor, que este seja o ano em que descubro alguma pista nova sobre o meu pai.* Solto um sopro de ar e apago a chama.

A Brooke bate palmas. Pega numa faca e corta o queque ao meio, antes de deslizar a minha metade pelo nosso balcão de fórmica estalado. Algumas pessoas podem torcer o nariz ao nosso apartamento do tamanho de um armário, inspirado nos anos 50. A Brooke e eu esforçámo-nos muito para ter um apartamento em Nova Iorque, por isso temos orgulho nele. Tenho dois empregos para pagar metade da renda. As minhas manhãs consistem em tomar conta de crianças numa creche, e passo as noites a fazer o máximo de turnos possível num restaurante. Entretanto, a Brooke tem a sua vida planeada, uma vez que está a poucos semestres de se formar em jornalismo de moda. Ao contrário da Brooke, eu não consigo sequer pensar no próximo mês, quanto mais no que quero fazer no resto da minha vida.

A Brooke tira um presente embrulhado do armário das especiarias.

Arqueio uma sobrancelha.

— A sério? Decidiste escondê-lo aí?

— Como não sabes cozinhar nem para salvar a tua vida, pareceu-me um local apropriado para esconder este malandro. — O pacote faz barulho quando ela lhe dá uma sacudidela.

— Espero que não tenhas comprado nada...

— Caro. Eu conheço as regras. — Abana a cabeça de forma gozona.

Sorrio para ela.

— Tu és a melhor. Sabes disso, não sabes?

— Abre-o! — exclama a Brooke.

Rasgo o papel, revelando a última coisa de que eu estava à espera.

— Oh, Brooke, pensei que tínhamos combinado que não íamos fazer isto. — Passo um dedo trémulo pela embalagem do *kit* do Ancestry.

— Não. Eu disse que *eu* não ia fazer isto. Tu só seguiste o meu plano porque me querias fazer feliz. Mas decidi tomar o teu destino nas minhas próprias mãos.

No ano passado, ambas pensámos em fazer o teste genético, mas desistimos depois de pensarmos na potencial desilusão, se os resultados não chegassem a lado nenhum. A Brooke foi categoricamente contra, e eu concordei porque não o queria fazer sem ela.

Mas a minha melhor amiga conhece-me melhor do que eu própria me conheço.

— Não devias ter feito isto. — Este é o fardo de ser uma sonhadora. É tudo muito divertido até o dia de sol se transformar num aguaceiro torrencial. E o lado razoável do meu cérebro diz que este sonho se pode transformar num furacão de categoria 5.

Mas ver o *kit* nas minhas mãos torna possível o sonho de vir a conhecer o meu pai. *Não, Chloe. É mais um sonho que te pode partir o coração.*

A Brooke pega numa garrafa de *vodka* barata que está em cima do frigorífico.

— Não há nada como o momento presente. O que é que dizes? Cospes para dentro do tubinho, envias a amostra e a seguir já podemos apanhar uma bela bebedeira para celebrar?

Todo este plano tem o potencial de vir a explodir na minha cara. Posso acabar com uma árvore genealógica vazia ou descobrir que o meu pai é um ser humano desprezível, que sabia da minha existência este tempo todo. Mas — a parte irracional do meu cérebro intervém — posso acabar por encontrar um pai que não sabia que eu existia. Alguém que queira conhecer-me e acolher-me como parte da sua família. Um pai que me queira amar e compensar o tempo perdido, não porque seja obrigado a fazer isso, mas sim porque quer.

Este último raciocínio vence, superando as minhas preocupações.

Respiro fundo.

— Vamos a isto.

CAPÍTULO DOIS



SANTIAGO

As pás da ventoinha do teto giram por cima de mim, fundindo-se num grande círculo. Volto a ver as horas no meu telemóvel, e só passaram cinco minutos desde a última vez que olhei.

Esta é a minha vida. Sem novidades. Isolada. *Sombria*.

Tornei-me uma casca de um ser humano porque é mais fácil do que enfrentar o meu futuro sem sentido. Qualquer coisa é melhor do que isso, incluindo esta tristeza debilitante.

Eu devia voltar a ligar ao meu psicólogo e marcar outra consulta.

Devia fazer uma viagem de carro e visitar os meus pais.

Devia fazer alguma coisa — qualquer coisa, na verdade —, mas não consigo encontrar forças para vencer a névoa que se apodera do meu cérebro.

O meu psicólogo chama-lhe depressão. Eu chamo-lhe a minha vida depois do acidente.

Não devia ter lido o artigo de ontem à noite. Aquele que fazia um relato pormenorizado do terceiro aniversário do meu acidente. Foi um erro. Qualquer esperança de voltar à minha vida anterior se extingue a cada frase negativa e a cada título de artigo. Eles não falam da minha recuperação bem-sucedida nem do facto de poder andar, tal como antes do meu acidente, apesar de eu já não ter o mesmo aspeto.

Embora esteja fisicamente em forma, mentalmente não estou. Mesmo ao fim de três anos, ainda me agarro aos velhos fantasmas do meu passado. É o que acontece quando tenho todo o tempo do mundo para pensar. Mas esses pensamentos intermináveis fazem-me mergulhar no entorpecimento, porque é mais fácil entrar no espaço mental onde não preciso de me preocupar — para desligar o que sinto em relação à minha situação. A apatia é a minha

armadura de combate na minha nova e dura realidade. Porque se eu me preocupasse, teria de reagir aos artigos horríveis publicados a meu respeito.

A nova empregada doméstica de Santiago Alatorre conta tudo sobre a sua deficiência.

Leia sobre a luta de Santiago Alatorre contra a dependência da morfina, o alcoolismo e a depressão.

Santiago Alatorre visita o seu psicólogo pela primeira vez em meses. Informações exclusivas dizem que ele está com tendências suicidas e que foi levado de urgência para o hospital.

Os títulos dos jornais misturam-se, com uma conclusão essencial: todos me querem ver fracassar. Eu pensava que o sucesso era o que interessava às pessoas, mas na verdade elas estão mais interessadas na minha queda. A derrota vende manchetes, enquanto o sucesso vende patrocínios. Não que eu continue a ter de lidar com estes últimos. Passei de ser tratado como um deus a não ser mais do que uma bisbilhotice numa manchete uma vez por ano.

No final, os repórteres têm razão. Eu não sou a mesma pessoa. Não consigo conduzir um carro acima do limite médio de velocidade sem ficar com náuseas e paralisado de medo. Por isso, sim, sou o último piloto em condições de voltar à grelha da Fórmula 1.

O meu trauma dá-me a desculpa perfeita para me esconder. Sou só eu e a minha casa enorme, situada numa pequena povoação à beira de um lago, no sopé dos Alpes. Chamo-lhe o meu inferno pessoal, rodeado pelo paraíso conhecido como a região da Lombardia, no Norte de Itália.

O despertador do meu telemóvel volta a tocar. Carrego na tecla de adiar, ignorando a vizinha na minha cabeça que me pede para sair da cama. A parte sã da minha mente incita-me a conduzir o meu carro pela sinuosa estrada costeira. A rapar a barba, porque é uma lembrança física da minha falta de motivação. A contactar a minha família e a pedir que me venham visitar porque não aguento o silêncio da minha casa nem mais um dia.

Não. Toda a gente seguiu em frente, e tu és apenas um falhado que vive agarrado às memórias do passado.

Os pensamentos de esperança escapam-se quando a escuridão se instala novamente. Viro-me na minha cama, deixando que a luz do Sol da tarde aqueça as minhas costas. As cores desvanecem-se à minha volta enquanto fecho os olhos, obrigando-me a continuar escondido no meu mundo cinzento por mais um dia.

CAPÍTULO TRÊS



CHLOE

Olho fixamente para o ecrã da empresa de testes. O cursor paira por cima do botão de início de sessão, mas eu afasto-o.

— Estás a pensar ficar a olhar para o ecrã o dia todo ou... — A Brooke encosta-se ao balcão ao meu lado.

— Tenho medo — sussurro, como se o computador conseguisse detetar o meu receio.

— Eu também teria medo. Mas pensa em como passaste as últimas seis semanas cheia de ansiedade, à espera disto. — Bate com a anca na minha. — É mais fácil se for eu a carregar no botão?

Assinto com a cabeça e fecho os olhos.

— É. — Não vale a pena mentir a mim mesma. Embora eu até seja otimista, não tenho ilusões. Estou meio à espera de que o resultado do teste seja indefinido, com informações sem qualquer utilidade. Isso eu consigo aguentar. A opção alternativa — a da esperança —, *essa* parece-me irrealista.

— OK. Aqui vai — diz ela.

O meu coração aloja-se algures na minha garganta quando a Brooke carrega no botão.

— Oh, merda! Resultou! — O grito dela faz-me estalar os ouvidos.

— O quê? — Os meus olhos abrem-se de repente.

— Tens uma correspondência! — Ela desata aos saltos, a bater palmas. — Sim!

Pisco os olhos para o ecrã. Quase não consigo pronunciar uma palavra ao ver aqueles resultados à minha frente, quanto mais ter uma reação. Para minha grande surpresa, o teste liga-me a um homem com quem partilho quase cinquenta por cento do meu ADN.

Oh, meu Deus. Resultou mesmo.

Parece que, depois de todas as agruras que tenho tido na vida, finalmente ganhei a lotaria genética.

— Tens um pai! — A Brooke agarra a minha mão e faz-me rodopiar.

Rimo-nos para o teto, deixando que a esperança inunde o nosso pequeno apartamento até transbordar.

— Chloe, importas-te de fazer o resto do meu turno? Podes obviamente ficar com as gorjetas. Detesto ter de fazer isto, mas a minha mãe esqueceu-se de ir buscar os medicamentos para as convulsões, por isso tenho de ir num instante à farmácia antes que feche. — A Teri, uma das empregadas de mesa mais antigas, olha para mim.

Sinto-me tentada a dizer que não. Dói-me a sola dos pés depois de ter andado a correr pela creche toda a manhã, e a minha cabeça lateja com uma dor de cabeça permanente, obrigando-me a semicerrar os olhos sempre que entro na cozinha muito iluminada. Tudo o que eu quero é um bom duche, *Tylenol* suficiente para derrubar um elefante e a minha cama. As coisas simples da vida.

Mas... eu preciso do dinheiro. Todos os dólares contam para conseguir ir a Itália e encontrar o meu pai mais depressa. De acordo com uma pesquisa no Google e com as capacidades de FBI da Brooke nas redes sociais, Matteo Accardi, também conhecido como o meu pai há muito perdido, vive numa pequena povoação italiana à beira de um lago. Os voos custam quase tanto como um dos meus rins. Infelizmente, ainda pensei em vender um, mas a Brooke aconselhou-me a não o fazer. Ela disse-me para ser paciente e poupar dinheiro. Mas para ela isso é fácil de dizer. Quem é que consegue raciocinar, quanto mais poupar dinheiro, quando o meu pai está de facto *vivo*?

A Brooke é a realista nesta relação, e rebentou a minha bolha de sonhadora antes que ficasse fora de controlo. Ela tem razão. Os rins são como gémeos. Não devem ser separados. Por isso, infelizmente, continuo a ter os dois e estou condenada a trabalhar horas a fio para poupar cada dólar.

Assinto com a cabeça.

— Claro.

— Ótimo! Obrigada! Podes falar com o Jamie para saber os números das minhas mesas. — Ela sai rapidamente.

Ó p'ra mim, a ser tão generosa.

O Jamie dá-me os números das mesas da Teri antes de eu fazer o meu

minúsculo intervalo de cinco minutos. As pessoas pensam que sou fumadora, mas eu gosto de ficar no beco atrás do restaurante e respirar o ar de Nova Iorque. É o meu momento de solidão num dia cheio de interações intermináveis e de tarefas exaustivas.

Saio para o beco e detenho-me. *Ugh*. Há um casal qualquer a conspirar o meu oásis de contentores de lixo, com o homem praticamente a inalar a cara da rapariga. *Que nojo*. Mas há algo na forma como o fulano a apalpa que me faz abanar a cabeça num estranho fascínio. Que género de casal é que consegue curtir ao pé do lixo?

O género que está tão desesperado um pelo outro que mal consegue esperar para chegar a casa.

Não conheço esse tipo de paixão. A única coisa que se aproxima disso é o meu empenho em trabalhar no duro para conseguir pagar as coisas básicas da vida. Os namorados são apenas uma distração e requerem muito mais atenção do que regar plantas. Não tenho tempo nem energia para uma relação, e é por isso que, de vez em quando, me limito a uns engates irrelevantes só para satisfazer as comichões. Além disso, de certezinha que não tenho a capacidade de confiar em alguém a esse ponto. A minha mãe certificou-se disso. Ela pode ter sido horrível, mas ensinou-me algumas lições importantes.

Não consumir drogas.

Não fazer sexo sem preservativo.

Não ter filhos, a não ser que eu esteja absolutamente, decididamente, quinhentos por cento preparada, porque eles não podem ser devolvidos no centro comercial ou na loja mais próxima.

E, acima de tudo, não me apaixonar. É complicado, sombrio e está destinado a acabar em desastre.

Volto-me novamente para a porta para dar privacidade a estes dois amantes. A minha sapatilha velha range e o homem vira-se para me gritar:

— Ei! Pira-te daqui, sua anormal!

Eu? Não sou eu que estou a curtir ao lado do lixo da véspera. Olho por cima do ombro para pedir desculpa, mas fico de queixo caído com o que vejo.

Aquela sacana mentirosa. A Teri não foi buscar a medicação da mãe. Como é que ela podia ir, quando está tão ocupada a engolir a língua daquele gajo? Franzo o sobrolho. A Teri é oficialmente uma cabra, e se eu não quisesse as gorjetas dela, abandonava todas as mesas dela só por vingança.

Porque é que as pessoas precisam de mentir para conseguir o que querem? Será que ela não se apercebe de que me poderia ter dito que se queria vir encontrar com o senhor Tarado do Caixote do Lixo, que eu teria aceitado

na mesma? Não havia qualquer necessidade de mentir sobre o facto de a mãe dela precisar de medicamentos.

As pessoas não prestam. Bem, as pessoas nunca prestaram, mas agora são dez mil vezes piores.

Respira, rapariga. Tu queres o dinheiro. O que é que importa se alguém que mal conheces te mentiu?

Porque isso acaba com a esperança de que ainda haja por aí pessoas decentes e com princípios.

A Teri não se dá ao trabalho de explicar, e eu também não fico à espera de ouvir um pedido de desculpas. Só faltam dois meses para eu me pôr a andar desta cidade. E, graças à Teri, vou ficar algumas notas mais perto do meu objetivo.

CAPÍTULO QUATRO



CHLOE

Depois de ter chegado ontem ao Lago de Como e de ter adormecido devido a um grave ataque de *jet lag* na pensão decrepita perto do centro da cidade, percorro finalmente a estrada principal da aldeia.

O Lago de Como é um lago lindíssimo situado no sopé dos Alpes e é constituído por muitas pequenas povoações aninhadas ao longo das margens da grande extensão de água. A terra onde o meu pai vive é algo que saiu diretamente de um conto de fadas, com velhos edifícios de estuque e estradas calcetadas. O meu encantador lar temporário tem uma população do tamanho do aeroporto de La Guardia numa terça-feira. A sério, o Google diz-me que vivem aqui menos de duas mil pessoas. Isto sem contar com o facto de algumas celebridades terem residências de férias aqui.

Estarei a arriscar por não ter enviado uma mensagem ao Matteo para lhe dizer que eu era a sua filha há muito perdida, e que o queria conhecer ao fim de tantos anos? Provavelmente. Mas não podia arriscar que ele se fechasse para mim e dissesse que eu era uma vigarista qualquer. Por isso, decidi arriscar e apresentar-me à moda antiga — pessoalmente, mesmo sem me caber um feijão no cu. Mas primeiro, preciso de descobrir onde é que ele vive.

As lojas familiares alinham-se nas ruas, com pessoas a acenar umas às outras e crianças a correr por ali. Conforta-me ver os habitantes locais a preocuparem-se uns com os outros. É como um conto de fadas, com pessoas que param para conversar. A simpatia deles faz-me ter esperança de que alguém saiba quem é o Matteo e onde é que o posso encontrar. Infelizmente, as capacidades de investigação da Brooke são limitadas. A morada do Matteo não era do domínio público, para nossa grande frustração.

Como uma vendedora ambulante de meia tigela, entro em várias lojas

para tentar descobrir onde é que ele vive. Tento a mesma conversa num italiano horroroso em quatro lojas diferentes antes de encontrar a mina de ouro.

— *Sto cercando il signor Accardi.* — Faço um gesto para o adereço que tenho nas mãos e pergunto pelo Matteo. A Brooke sugeriu que me fizesse passar por um estafeta.

— *Il signor Accardi è morto.* — A dona da loja franze o sobrolho.

O *Accardi está morto?* Rio-me para mim mesma. Isso não está correto. O homem ainda ontem atualizou a fotografia do seu perfil no Facebook. Não sei a que *Accardi* é que ela se está a referir, mas calculo que seja um apelido comum por aqui. — *Morto?* Não. *Sto cercando il signor Matteo Accardi.* — Enfatizo o primeiro nome dele, a jogar pelo seguro.

Ela abre a boca num *Oh* mudo. Pede desculpa em italiano e rabisca a morada do Matteo numa folha de papel.

O povo italiano. Tão amável. Tão confiante. Os verdadeiros heróis desconhecidos da *Expedição Encontrar o Meu Pai*.

Saio da loja e deito o saco de papel vazio para um caixote do lixo próximo. Durante todo o percurso de volta para o meu *bed and breakfast*, vou a sorrir como uma maluquinha para os habitantes da cidade.

Está na altura de conhecer o homem que passei toda a minha vida a querer encontrar.

O guincho dos travões do carro arranca-me aos meus pensamentos.

— Cá estamos — diz o condutor com um forte sotaque italiano.

Os meus olhos deslizam do meu colo para a janela do carro. Ao cimo de um caminho sinuoso, encontra-se uma casa pitoresca, com muros altos e um portão coberto de hera. As paredes de estuque amarelo destacam-se contra o cenário do belo lago. É uma casa onde eu gostaria de ter crescido.

Solto um suspiro trémulo e procuro o dinheiro no bolso da frente da minha mochila.

— *Grazie.* — O motorista aceita-o com um sorriso.

Saio do carro. Uma rápida vista de olhos pela rua revela apenas duas casas. Uma pertence ao Matteo e a outra parece saída diretamente de um filme de terror. A mansão escura fica à beira do lago, rodeada por árvores altas. Torreões de tijolo escuro erguem-se para o céu, fazendo-me lembrar o castelo maléfico de um vilão. Uma vedação de madeira apodrecida revela arbustos desgrehados e um terreno coberto de vegetação.

Viro as costas à mansão abandonada e volto-me para a casa do Matteo.

— Tu consegues. — Com as pernas a parecer gelatina, avanço em direção ao enorme portão de ferro ao fundo da propriedade do Matteo.

Ouve-se música alta a tocar algures na propriedade dele. Enfio a cabeça por uma das aberturas do portão e observo o caminho de acesso, encontrando vários veículos estacionados. *Merda*. Fui parva por pensar que o meu pai estaria sozinho.

Envio uma mensagem à Brooke para a avisar de que cheguei à casa dele, mas que ele não está sozinho. Este momento deixa-me grata por ela ter insistido em pagar a ridícula taxa de serviço por duas semanas enquanto eu me ambientava em Itália. Preciso dos conselhos dela sobre o que devo fazer.

Um carro a acelerar pela estrada fora chama-me a atenção.

Será que eles conhecem o Matteo? Será que me vão perguntar o que estou a fazer aqui fora, a espreitar ao portão? Ou pior, e se me arrastarem lá para dentro e me acusarem de ser uma espécie de *stalker*, à frente do Matteo? Todas as opções estragariam a minha hipótese de causar uma boa primeira impressão.

A lógica falha-me e entro em pânico com a possibilidade de as visitas mais recentes do Matteo me apanharem à espreita no exterior da propriedade.

Se calhar, afinal não estava preparada para esta reunião de família. Os meus olhos desviam-se para a abertura na vedação da casa ao lado. Precipito-me para ela quando os faróis iluminam a estrada. Os ramos dos arbustos arranham-me a cara e os braços, mas passo através deles apesar da dor. A curiosidade induz-me a entrar mais para o interior da propriedade.

Um uivo ao longe faz-me arrepiar. *Há lobos em Itália?*

Merda. Se morrer esta noite, vou assombrar a Brooke pelo resto da minha vida. Esta ideia está a ir de mal a pior.

Usando a lanterna do meu telemóvel, avanço pela erva, que rivaliza com as savanas africanas do Serengeti. Sigo o muro de pedra que divide a propriedade do meu pai e esta. As minhas sapatilhas prendem-se várias vezes a raízes grossas e eu praguejo na noite.

Ao fim de cinco minutos a evitar ramos caídos e espinhos de aspeto assustador, chego à parte do muro onde a música soa mais alto. O barulho de risos e de pessoas a falar fazem o meu ritmo cardíaco acelerar rapidamente. A vontade de ver o outro lado alimenta a minha coragem. Procuro no muro algum apoio para trepar, mas as pedras são escorregadias ao toque.

Nem mesmo o muro poderia ser fácil? Olho para a grande árvore junto à vedação. Parece-me suficientemente decente para trepar. Tal como nos velhos tempos, Chloe.

O meu telemóvel a tocar na minha mão prega-me um susto.

— Merda!

Escuto se há alguma alteração na música ou na conversa, para o caso de me terem ouvido. Nada se parece alterar, com as gargalhadas a fazer ricochete na parede de cimento.

Atendo a chamada.

— Brooke. Não vais acreditar no que eu estou a fazer neste preciso momento. — Depois de pôr a Brooke em alta-voz, entalo o telemóvel debaixo da alça do sutiã para a ouvir melhor enquanto subo.

— Quase tenho medo de perguntar.

— Bem. Neste momento estou a subir a uma árvore, como quando nos esgueirámos para o nosso quarto depois do recolher obrigatório. — Falo baixo enquanto me agarro a um ramo próximo e apoio o pé no tronco. Os meus braços vacilam, mas iço-me para cima com os dentes cerrados.

— Sempre foste péssima a subir às árvores, portanto isso não é nada bom — resfolega ela.

— Nem me lembres.

Ouço um galho a estalar aqui perto. Os meus braços tremem e eu paro de trepar.

— Mas lembras-te da vez em que caíste naquele monte de cocó de cão? — a Brooke quebra o silêncio.

Ignorando o barulho, estendo a mão para o ramo seguinte. Consigo subir alguns palmos acima do chão.

— Não é algo que eu consiga esquecer exatamente.

— Importas-te de me explicar porque é que estás a subir a uma árvore?

— Queres a versão legal ou a ilegal?

— Por favor, conta a ilegal. — Uma nova voz desconhecida e rosnada interrompe a conversa.

Solto um guincho. Os meus dedos escorregam e eu caio de costas. Um *oof* audível escapa-se dos meus pulmões quando algo afiado dentro da minha mochila se espeta na minha coluna. — Au.

— Chloe! O que é que aconteceu? Oh, meu Deus, por favor, não morras algures em Itália. Nunca vou poder pagar o bilhete de avião para ir à tua procura — exclama a voz da Brooke ao longe.

— Brooke, eu estou viva! — Procuro o telemóvel no meu sutiã, mas não encontro nada.

— Por enquanto.

Um arrepio percorre-me a pele ao ouvir a voz do estranho, e até me esqueço de procurar o telemóvel.

Ele está parado ao pé de uma árvore, envolvido pelas sombras escuras.

— Importa-se de me dizer o que é que está a fazer na minha propriedade?

Estreito os olhos, a tentar distinguir a cara dele. A ideia assustadora que me passa pela cabeça não está a beneficiar nada o meu ritmo cardíaco. Os ar-repios disparam pela minha pele enquanto ele me observa das sombras, sem nunca avançar para a luz do luar.

Como uma idiota, continuo deitada no chão, petrificada e imóvel.

— Eu... hum... bem... está a ver...

— Se vai levar tanto tempo para dizer meia dúzia de palavras, vamos ficar aqui a noite toda. — As palavras dele são curtas e impacientes, com um leve sotaque.

Bem, que merda. Este gajo é um autêntico parvalhão.

— Quem é que a enviou? — pergunta ele.

Quem é que me enviou? O que é que este gajo pensa que eu sou? Uma assassina contratada?

Alguma coisa faz barulho quando a sua silhueta se move mais para a minha frente. Uma rajada de vento transporta o seu cheiro. É fresco e dá água na boca, e eu tento cheirá-lo de novo.

— Vou chamar a polícia. Eles podem lidar consigo, tal como lidaram com os outros. — Leva o seu telemóvel ao ouvido. A luz do ecrã ilumina os seus olhos cortantes com uma claridade sinistra.

Saio rapidamente do meu estupor, apressando-me a pôr-me de pé com as pernas a tremer. A última coisa de que preciso é de um confronto com a polícia. A lembrança da última vez que vi os agentes faz-me estremecer.

Levanto as mãos para lhe mostrar que não tenho nenhuma arma.

— Não faça isso! Por favor! Eu venho em paz. — *Venho em paz? Quem diabos é que eu penso que sou? O raio do ET?*

Ele avança para o meu espaço pessoal. Uma mudança nas nuvens deixa o luar iluminar a cara dele. As sombras dançam ao longo das suas maçãs do rosto definidas, realçando as suas linhas duras e os seus lábios cheios. Agrada-me o seu maxilar forte, com uma barba curta, e os seus olhos escuros estreitam-se para a minha cara. Têm uma expressão selvagem enquanto me observam. Os seus cabelos escuros e espessos roçam-lhe os ombros, sacudidos pelas rajadas de vento.

Caramba, o desconhecido tem um ar agreste, e preciso de parar para o apreciar por um momento. Tenho vontade de estender a mão e tocar na sua barba curta, mas contenho-me.

— Pode parar de olhar para mim de boca aberta? — Franze o sobrolho.

A sua rispidez sobressalta-me, arrancando-me aos meus pensamentos inapropriados. *Fantástico. A babar por um fulano desequilibrado que quer chamar a polícia por tua causa. Estás a descer a novos níveis de decadência, Chloe.*

— Não. Sim. Mais ou menos? — guincho.

Ele cerra o maxilar.

— Dê-me uma boa razão para eu não carregar no botão agora mesmo e deixar que eles se livrem de si.

C'um caras. Livrarem-se de mim? Aquele homem injustamente lindo aproxima-se de mim com o telemóvel encostado ao ouvido. Tudo nele transmite intimidação, desde a sua altura até ao rugido da sua voz.

O meu cérebro entra em modo de luta ou fuga. A fuga é o que me faz sentir confortável. Fugir é tudo o que eu sempre fiz. Fugir é o que me vai salvar de ser enviada de volta para a Brooke cortada aos bocadinhos.

— Porque... — Lanço-me para a esquerda, mas ele agarra-me com os seus braços fortes. *Muito* fortes, pela forma como se retesam enquanto tento escapar-lhe. Oh, e eu bem tento. Debato-me. Esperneio. Atiro a cabeça para trás, encontrando apenas ar quando ele se esquia ao golpe. Chego mesmo a beliscar-lhe os braços com toda a força que os meus dedinhos conseguem reunir, na esperança de que ele me solte. Ele nem sequer vacila, e é como se fosse feito de pedra, para combinar com a sua personalidade.

Chloe. Pensa. Estás a um passo de acabar no noticiário da noite.

Ele vira-me para o seu peito e prende-me os braços atrás das costas.

— Oh, não, nem penses. Estou farto de malta como tu a tentar arranjar uma história.

— Uma história?! De que raio é que estás a falar?! — O meu grito torna-se rouco quando os braços dele se apertam à minha volta.

Será estúpido ter esperanças de que o Matteo ouça uma mulher a gritar que a estão a matar e me venha salvar das garras de um maníaco? Este homem está completamente paranoico. É a única explicação para o seu comportamento errático e para a sua insistência de que sou alguém que decididamente não sou. Não sei que tipo de visitantes indesejáveis é que entram à socapa na propriedade dele, mas eu não sou um deles.

O corpo dele endurece enquanto me contorço para me tentar libertar das suas garras. Uma coisa que não deveria estar dura espeta-se no meu estômago, e eu entro completamente em modo de sobrevivência.

Isso é que não, porra. Dou um pontapé na perna do desconhecido, na esperança de o incapacitar. Outro berro irrompe da minha boca quando os

dedos do meu pé batem com toda a força contra algo que parece o equivalente humano a uma parede de cimento.

— Mas que raio!? Só podes estar a brincar comigo. De que é que tu és feito? De pedra, porra?! — O dedo grande do meu pé lateja ao ritmo irregular do meu coração.

Ele grunhe, mas continua a segurar-me com força.

— A questão aqui é quem és *tu* e que drogas é que andas a tomar?

— Eu, a drogar-me? Tu é que estás com a pior moca da tua vida, parvalhão. — Em vez de deixar cair as lágrimas por causa da dor no meu pé, deixo o instinto apoderar-se de mim e enfio uma joelhada nos tomates do cabrão com toda a força que o meu corpo consegue arranjar.

Ele solta uma série de palavrões enquanto cai de joelhos.

Não vale a pena verificar os estragos. Corro em direção à estrada principal, sem me preocupar em olhar para trás, para o homem que tentou chamar a polícia e ficou de pau feito com toda a situação. Já vi uma boa quantidade de filmes de terror. As raparigas que olham para trás são sempre assassinadas primeiro.

Não paro de correr até chegar à entrada da minha pensão. O suor cola-se à minha roupa enquanto inspiro grandes golfadas de ar. Encostada à parede, vasculho a minha mochila à procura do telemóvel. A Brooke deve estar a passar-se depois disto tudo.

A minha busca não dá em nada. Como um balde de água fria, apercebo-me do que aconteceu.

Merda. Merda do caraças. Esqueci-me do telemóvel ao pé da árvore, depois de ter caído.

Pensei que os meus sarilhos tinham acabado assim que saí da América. País novo, problemas diferentes. Só que em vez de fugir dos problemas legais, estou a ir de cabeça direitinha a eles.

Mas, ei, arrombamento e invasão só é considerado crime se eu for apanhada.